

## Kardec foi médium?

É muito comum ouvirmos de palestrantes e coordenadores de estudos doutrinários a afirmativa de que Allan Kardec (1804-1869) não foi médium. Embora não tivéssemos nada para nos apoiar, achávamos isso muito estranho, pois a nossa primeira impressão é que ele era, por alguma coisa que havíamos lido, mas não sabíamos exatamente onde.

Em obras literárias, espíritas ou não, é certo que iremos encontrar essa opinião, como, por exemplo, em *A mesa, o livro e os Espíritos*, no qual seus autores, os antropólogos Marion Aubrée (?- ) e François Laplantine (1943- ), a primeira doutora em antropologia, o segundo seu professor orientador, afirmam:

Obra que organiza uma coleta de dados, *O Livro dos Espíritos* não foi, como se afirmou, ditado pelos Espíritos – pois *Kardec nunca foi médium* – mas foi elaborado em colaboração com eles; dois especialmente o ajudara: Z, e sobretudo, o Espírito da Verdade. [...] (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 44). (grifo em negrito nosso).

De onde será que esses autores franceses tiraram isso? É bem provável que encontremos a pista em Hermínio de Miranda (1920- ), no seu texto intitulado "Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular", do qual transcrevemos:

Frequentemente, os ataques a Kardec buscam apoio em pronunciamentos do médium escocês Daniel Dunglas Home. No livro "Luzes e Sombras do Espiritualismo", de Home, Vartier vai buscar o seguinte: "Sabe-se que Allan Kardec não foi médium. Ele nada fazia senão magnetizar ou "psicologizar" pessoas mais impressionáveis do que ele." (site Comunidade Espírita)

Fomos conferir na obra *Lights and Shadows of Spiritualism*, versão inglesa, e lá, à página 224, pode-se encontrar esta afirmação de Home (1822-1886): "É, ou deveria ser bem conhecido, que Allan Kardec não era ele próprio um médium. Ele simplesmente magnetizava ou usava da psicologia nas mentes mais frágeis e mais sensíveis do que a sua".<sup>(1)</sup> (grifo nosso). Nessa obra, Home não poupa críticas a Kardec, apesar do codificador não tê-lo tratado da mesma forma, quando, por várias vezes, se referiu a ele.

Interessante é que esses dois autores, acima citados, confirmam essa posição de Home, acrescentando que, em 1923, o filósofo, metafísico e crítico social francês René Guénon (1886-1951), toma-lhe essa tese, que, seguramente, também foi absorvida por Aubrée e Laplantine, conforme pode-se ver à página 44, da obra *A mesa, o livro e os Espíritos*, que transcrevemos um pouco mais acima. Vejamos o que ambos citam de Guénon<sup>2</sup>:

Sob o império de sua vontade enérgica, seus médiuns eram máquinas de escrever, que reproduziam servilmente seus próprios pensamentos. Se, às vezes, as doutrinas publicadas não estavam de acordo com seus desejos, ele as corrigia à vontade. Sabe-se que Allan Kardec não era médium. Ele conseguia magnetizar as pessoas que eram mais impressionáveis que ele. (GUÉNON, 1984, p. 34 *apud* AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 113) (grifo em negrito nosso).

Da forma como Aubrée e Laplantine colocaram, a impressão que se tem é que essa fala é de Guénon; porém, ao confrontarmos com o que consta em sua obra *O erro Espírita*, versão portuguesa, pudemos ver que, na verdade, ela é de Home, que Guénon cita mencionando sua fonte: "*Les Lumières et les Ombres du Spiritualisme*, pp. 112-114". (GUÉNON, 2010, p. 37-38). É a mesma obra citada por Hermínio de Miranda, na versão francesa.

Infelizmente muitas pessoas agem como ingênuos acreditando piamente no que outros

---

1 Tradução de Lúcia da Silveira Sardinha Pinto Souza.

2 Em GUÉNON, 2010, esta citação encontra-se à página 38.

dizem, sem se preocuparem em saber se é verdade ou não; com isso, muitas vezes, acabam como quê abrindo um saco de penas no alto de um monte, espalhando, pelo ar, mentiras ou calúnias.

Vejamos como é que Kardec qualificou um médium:

[...] Quem está apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, qualquer que seja o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos. Todavia, em seu uso ordinário, essa palavra tem uma acepção mais restrita, e se diz, geralmente, de pessoas dotadas de um poder mediúnico muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra. (KARDEC, 1993a, p. 29) (grifo nosso).

Tem-se duas situações para classificação de um médium: uma no sentido amplo e outra no restrito. No sentido amplo, pode-se dizer que todos somos médiuns; já no sentido restrito aplica-se àqueles em que essa faculdade manifesta-se de forma evidente, produzindo os fenômenos de efeitos físicos ou transmitindo o pensamento dos Espíritos; são médiuns ostensivos. Kardec volta novamente a esse assunto, por duas vezes, tornando-o ainda mais claro:

Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. [...] (KARDEC, 2006a, p. 139) (grifo nosso).

Toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Essa faculdade é inerente ao homem, e, por conseguinte, não é, de nenhum modo, um privilégio exclusivo: também há poucos nos quais não se lhe encontra algum rudimento. Pode-se, pois, dizer que todo o mundo, com pequena diferença, é médium; todavia, no uso, essa qualificação não se aplica senão naqueles nos quais a faculdade mediúnica se manifesta por efeitos ostensivos de uma certa intensidade. (KARDEC, 2006b, p. 62-63) (grifo nosso).

Apenas ressaltaremos, pois não podemos jamais perder isso de vista, que "Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium".

Na *Revista Espírita*, ano de 1858, encontramos:

Essa faculdade, como, aliás, já o dissemos, não é um privilégio exclusivo; ela existe em estado latente, e em diversos graus, numa multidão de indivíduos, não esperando senão uma ocasião para se desenvolver; o princípio está em nós pelo próprio efeito da nossa organização; está na Natureza; todos nós temo-lo em germe, e não está longe o dia em que veremos os médiuns surgirem de todos os pontos, no nosso meio, em nossas famílias, no pobre como no rico, a fim de que a verdade seja conhecida por todos, porque, segundo o que nos está anunciado, é uma nova era, uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas darão um novo curso às ideias morais, como o vapor deu um novo curso à indústria. (KARDEC, 2001a, p. 60-61) (grifo nosso).

Concluimos que todos nós somos médiuns em potencial, uma vez que a mediunidade é uma característica, ou uma faculdade, como queiram, própria da Natureza humana. É o que também poderemos encontrar em Channing (Espírito), que, discorrendo sobre os médiuns,

disse:

Todos os homens são médiuns. Todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando eles sabem escutá-lo. Quer alguns se comuniquem diretamente com ele, graças a uma mediunidade especial, quer outros só o escutem pela voz interna do coração e da mente. Isso pouco importa, pois é sempre o mesmo Espírito familiar que os acompanha. Chamai-o Espírito, razão, inteligência, será sempre uma voz que responde à vossa alma, dizendo-vos boas palavras. Acontece, porém, que nem sempre as compreendeis. [...] Ouvi pois essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo guardião que vos estende a mão do alto do céu. Repito, a voz íntima que fala ao coração é a dos Espíritos bons. E é desse ponto de vista que todos os homens são médiuns. (KARDEC, 2006a, p. 331-332) (grifo nosso).

Mas o que aqui nos propomos é descobrir se Kardec foi médium no sentido restrito, ou seja, se ele possuía alguma faculdade mediúnica pela qual poderíamos classificá-la entre os vários tipos de mediunidade.

Foi em 24 de março de 1856, que Kardec se envolveu com um fenômeno mediúnico. Estava ele em sua casa, trabalhando, quando ouviu repetidas batidas, cuja origem era-lhe desconhecida. No dia seguinte, numa sessão na casa do Sr. Baudin, Kardec pergunta ao Espírito Z (Zéfiro), o que havia acontecido com ele no dia anterior. A resposta foi "era seu Espírito familiar", que se identificou "Para ti, chamar-me-ei *A Verdade*" (KARDEC, 2006b, p. 305), que "queria comunicar-se contigo" (KARDEC, 2006b, p. 304), explicando, disse "O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho a que te aplicavas: desagradava-me o que escrevia e quis fazer que o abandonasse" (KARDEC, 2006b, p. 305). De fato, Kardec depois confirmou que havia um erro grave na 30ª linha, que o surpreendeu de tê-lo cometido. (KARDEC, 2006b, p. 306).

Esse episódio das pancadas só poderia ocorrer se alguém doasse a energia necessária para a produção desse tipo de fenômeno de efeito físico, a qual denominamos de ectoplasma. L. Palhano Jr. (1946-2000) assim a define:

Substância que emana do corpo de um médium capaz de produzir fenômenos de efeitos físicos ou aparições à distância. Trata-se de uma exalação fluídica, sensível ao pensamento, visível ou invisível, plástica, inodora, insípida, originalmente incolor, que tem semelhança de uma massa protoplasmática. (PALHANO JR, 2004, p. 96).

Provavelmente, Kardec foi o doador dessa energia; entretanto, não temos informação de que algo parecido tenha acontecido posteriormente, em razão disso; assim, preferimos, por prudência, não identificar Kardec como médium de efeitos físicos.

Kardec, no diálogo com o Espírito da Verdade, pergunta-lhe: "Poderei evocar-te em minha casa?", tendo dele, a seguinte resposta: "Sim, para te assistir pelo pensamento: mas, para respostas escritas em tua casa, só daqui a muito tempo poderás obtê-las" (KARDEC, 2006b, p. 306) (grifo nosso). Bom; aqui já dá para concluir que Kardec foi, na pior das hipóteses, um médium intuitivo, que era assistido por pensamento pelo seu guia Espírito da Verdade. É certo que surgirão objeções quanto a essa nossa conclusão; entretanto, iremos demonstrar, na sequência, que a razão nos assiste.

Transcrevemos de um dos diálogos com o espírito Pierre Le Flamand, publicados na *Revista Espírita 1859*, mês de maio, o seguinte trecho:

47. Voltemos ao senhor Allan Kardec. - R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... Ah! ele nos melhora bem. A nós outros, pobres Espíritos; se não nos conhecerem não será por culpa sua.

48. Estava só?- R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.

49. Ele os ouvia? - R. **Ouvia-os, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.**

*Nota.* - O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? - R. Não; não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? - R. Eu o creio muito! **Sobretudo, havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, ele acreditava ingenuamente que as ideias eram dele, e com isso parecia contente.**

(KARDEC, 1993a, p. 119-120) (grifo nosso).

Se Kardec chegou a ouvir espíritos murmurando, se escreveu o que alguns deles lhe soprava; então, podemos, mais uma vez, confirmar que ele era mesmo médium, ainda que não o fosse ostensivamente. Aliás, isso acontece muito com os médiuns “inspirados” que acham que o que é por eles escrito decorre de sua própria inspiração (criação).

Na *Revista Espírita*, ano 1861, encontramos um discurso de Allan Kardec aos espíritas de Bordeaux, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

**Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, fui ajudado pelos Espíritos, assim como eles me disseram várias vezes, mas sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra, e hoje compreendo que é feliz para mim que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, não teria escrito senão sob uma mesma influência; seria levado a não aceitar com verdade senão o que me teria sido dado, e isso talvez errado; ao passo que, na minha posição, convinha que tivesse uma liberdade absoluta para tomar o bom por toda parte onde ele se encontrasse, e de qualquer lado que viesse; portanto, pude fazer uma escolha de diversos ensinamentos, sem prevenção, e com inteira imparcialidade. Vi muito, estudei muito, muito observei, mas sempre com um olhar impassível, e não ambiciono nada de mais do que ver a experiência que adquiri ser aproveitada pelos outros, dos quais estou feliz de poder evitar os escolhos inseparáveis de todo noviciado.** (KARDEC, 1993b, p. 340) (grifo nosso).

Aqui Kardec confessa que não tem a mediunidade no sentido restrito, ou seja, que não tinha “um poder mediúnicamente muito grande,... para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra” (KARDEC, 1993a, p. 29); porém, era de alguma forma médium, fato que iremos comprovar a seguir.

A 14 de setembro de 1863, em Paris, uma mensagem é dirigida a Kardec, da qual destacamos o seguinte trecho:

**Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas. Nossa ação, principalmente a do *Espírito de Verdade*, é constante ao teu derredor e tal que não a podes negar. Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, segundo meus conselhos ocultos, modificaste tão ampla e completamente. Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado. [...].** (KARDEC, 2006b, p. 341) (grifo nosso).

A afirmativa de que “as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas” é a confirmação do que estamos dizendo, sobre Kardec ser médium de intuição.

Podemos também corroborar esse fato tomando das próprias palavras de Kardec,

registradas na *Revista Espírita*, ano de 1867; senão vejamos:

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, - em outros tempos eu teria dito: como por encantamento -, de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos de que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. (KARDEC, 1999, p. 274) (grifo nosso).

Ora, dizer que “sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva” e “além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas”, é o mesmo que afirmar da mediunidade de intuição, porquanto, pelo pensamento, os espíritos transmitiam a Kardec suas ideias, das quais ele, sem suspeitar disso, tomava resoluções, conforme lhe foi dito.

Portanto, cremos ter chegado ao nosso objetivo, que era demonstrar que Kardec foi, sim, médium de intuição.

Isso também põe por terra a opinião do antiespírita René Guénon, que, na sua obra, já citada, assim se manifesta:

[...] Seja como for, há uma opinião que está bastante estendida, inclusive entre os espíritas, e que é inteiramente errônea: é que Allan Kardec teria escrito seus livros sob uma espécie de inspiração; a verdade é que ele mesmo jamais foi médium, que era ao contrário um magnetizador (e dizemos ao contrário porque ambas as qualidades parecem incompatíveis), e que é por meio de seus “sujeitos” como obtinha as “comunicações”. [...]. (GUÉNON, 2010, p. 37) (grifo nosso).

Como, anteriormente, dissemos, Guénon nada mais faz que tomar para si as ideias de Home. Porém, ele usa o termo “inspiração”; nós “intuição”; qual é a diferença entre ambos? Vamos recorrer ao confrade Francisco Aranda Gabilan (?- ), que assim define essas palavras:

**Inspiração** é a transmissão dos pensamentos e mensagens de uma mente para outra, “um assopro” do desencarnado para o encarnado possa livremente dispor de uma determinada figura, de uma ideia, de um quadro mental.

**Intuição** é o conjunto de *conhecimentos próprios* adquiridos ao largo das múltiplas experiências do Ser, que lhe aflora à mente espontaneamente, sem necessidade de ninguém lhe transmitir nada, pois que tais conhecimentos pertencem ao seu universo peculiar e subjetivo de conhecimentos.

(GABILAN, 2000, jornal *O Semeador*)

Assim, o termo correto a ser usado, para definir a mediunidade de Kardec, é inspiração e não intuição, como usado por René Guénon e, talvez, outras pessoas assim também entendam.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Mar/2011  
(revisado dez/2011)

**Referências bibliográficas:**

- AUBRÉE, M e LAPLANTINE, F. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- GUÉNON, R. *L'erreur spirite*. Paris: Ed. Traditionnelles, 1984.
- GUÉNON, R. *O erro Espírita*. São Paulo: Instituto René Guénon, 2010.
- HOME, D. D. *Lights and Shadows of Spiritualism*. London: Virtue, 1878.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. São Paulo: Lake, 2006a.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.
- PALHANO JR. L. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro: CELD, 2004.
- Donha, J. A. V. Uma radiografia antropológica do Espiritismo. In jornal Abertura n° 149. Santos, SP: Spirit Net, jun/2000, obtido pelo site: <http://www.espiritnet.com.br/Abertura/Ano2000/radiogr.htm>, acesso em 17.03.2011, às 08:08hs.
- GABILAN, F. A. Intuição ou Inspiração? In O Semeador n° 760, maio/2000. São Paulo: FEESP, obtido pelo site [http://www.feesp.com.br/divulgacao/pag\\_semeador\\_materia1.htm](http://www.feesp.com.br/divulgacao/pag_semeador_materia1.htm), acesso em 17.03.2011, às 06:15hs.
- MIRANDA, H. Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular. Disponível em: <http://www.comunidadeespírita.com.br/Reencarnacao/reenceimort/22%20allan%20kardec%20e%20o%20mistério%20de%20uma%20fid.htm>, acesso em 14.03.2011, às 22:06hs.

(Publicado na revista Espiritismo & Ciência Especial, Grandes Temas do Espiritismo, n° 50. São Paulo: Mythos Editora, nov/2011, p. 4-11)